





Em SP, você nunca está a mais de 300m de um curso d'água.

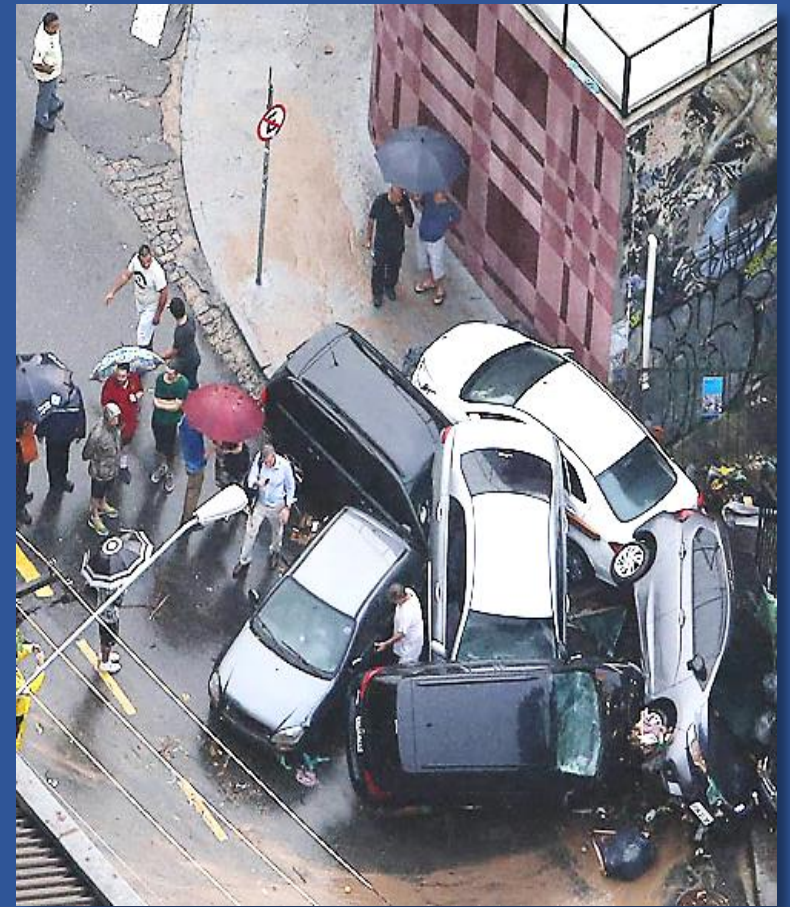




São Paulo Expo



São Paulo Expo



Nossos rios não estão mortos, eles foram enterrados vivos!



RIOS & RUAS foi para as ruas.





Encontramos nascentes e trouxemos os amigos para as conhecer e recuperá-las.

Qualidade de vida

RIOS OCULTOS

Urbanização desordenada encobriu nascentes de São Paulo, contribuindo para enchentes, poluição e mau cheiro. Projeto para mudar essa megalópole passa por suas águas

MARIANA TIMÓTEO DA COSTA
www.riose.ruas.com.br

São Paulo, uma das 10 cidades mais populadas do mundo, cresceu muito rapidamente. Se em 1870 — durante o ciclo do café que tornou-a motor da economia brasileira — viviam 31 mil pessoas no município, hoje são quase 20 milhões na área metropolitana e em suas 38 cidades. E os rios estão diretamente relacionados ao progresso e às águas da megalópole. A cidade que foi fundada no século XVI no alto de uma colina escarpada, entre os rios Anhangabá e Tamanduaí, vive nos mesmos um obstáculo ao seu crescimento. Foi para dar vazão à indústria cafeeira que veio a primeira intervenção: em 1882, o Viaduto do Chá nasceu sobre o Anhangabá. No início do século XX, o prefeito Francisco Prestes Maia construiu viadutos, perfurou túneis, alargou avenidas e praças, derrubou casarens e pedras antigas para transformar a cidade ainda provinciana e dar a ela o look de uma metrópole

metrópole no país. Anos depois, os rios Pinheiros e Tietê foram retificados e criaram boa parte de sua área para a construção dos atuais 17 mil quilômetros de ruas e avenidas que existem em São Paulo. E, assim, os rios foram desaparecendo aos olhos de sua população. Grandes avenidas como a 23 de maio e a Nove de Julho passaram por cima deles, que atualmente servem mais para escoamento de água e esgoto. Entretanto, portanto, os rios de São Paulo morrem? Muito pelo contrário, garantem especificidade. Sentada sobre a bacia hidrográfica do Paraíba, a metrópole não detinha de ter seus mais de 300 rios e riachos, um total de 1.500 quilômetros de água doce. Não há nada mais difícil de que mudar um rio. Ele pode estar morto, seco, escurido; mas morto, nunca. Se a gente consegue com que a população perceba isso e passe a interagir com eles, esta relação muda — defende o geógrafo Luiz de Campos Júnior, coordenador do projeto Rios e Ruas.

No lado da botânica Juliana Gatti e do arquiteto e urbanista José Puzos, Campos Júnior en-



Capitães: Luiz de Campos e Juliana Gatti em um rio da cidade

38 Dois paulistanos nos ajudam a desvendar onde estão os 4.000 quilômetros de rios enterrados sob as ruas



Quando os jesuítas chegaram aqui, no século XVI, aproveitaram o conhecimento dos índios para escolher um local para fundar sua capital. Ficava no alto de uma colina, entre os rios Anhangabá e Tamanduaí. Do primeiro, retiravam água para beber. O segundo, pelo porte avantajado, funcionava como uma via de transporte. Nasceu ali a vila de São Paulo de Piratininga. A história da capital se mistura com a de seus rios: há mais de 300 deles escondidos sob o concreto. Considerados portadores de doença e mau cheiro no passado, começaram a ser soterrados no fim dos anos 1930 pelo então prefeito Prestes Maia. Hoje é possível ver seus resquícios em nascentes ou canalizados em galerias. Assim como detetives urbanos, o geógrafo Luiz de Campos Jr. e o arquiteto José



ELAS AJUDAM SÃO PAULO RESPIRAR

Clubar do verde da cidade é uma das mais associativas rivitaliza no combate aos enchentes. Conscientes dessa importância, os paulistanos abrem seu dedecum, de formas diferentes, a engajar a população nessa causa.



Fundadora da empresa Árvores Vivas, a designer de produtos Juliana Gatti, de 31 anos, é uma apaixonada pelas árvores. Autodidata, começou a estudar-as e criou um blog sobre as mais diversas espécies e suas características. "Hoje, fazemos passeios pela capital, com vários guias, despertando no participante para a diversidade que temos aqui", conta. "Constatamos que, ao conhecer essas riquezas, as pessoas passam a cuidar delas". A venda de mudas e o ensino sobre plantio e cultivo também fazem parte de seu trabalho. Tel. (11) 3338-0544.

O detetive e botânico Ricardo Cardim é um dos grandes defensores do cerrado na metrópole.

"Teóricas de cerrado cobriam a cidade quando não foi fundado, mas foram enterradas com seu desenvolvimento". Em 2009, Ricardo encontrou uma mancha de cerrado fora no bairro Jaguaré. A descoberta transformou a área no parque Doutor Alfredo Uster. "No ano passado, achei cerrado nativo no local das obras de um novo museu da Universidade de São Paulo (USP). Queriam paralelos para sua preservação".



Em 2010, o geógrafo Luiz de Campos Júnior e sua esposa a urbanista José Szano criaram o movimento Rios e Ruas. "Queremos sensibilizar a população a recuperar e impedir que mais córregos sejam enterrados", fala Luiz. Para tanto, a dupla organiza expedientes por rios de coboto. "Em São Paulo há mais de 300 rios e riachos, mas a maioria está soterrada e morta rapidamente, a lagosta os locais baixos e plantos", explica José. Tel. (11) 91 21-6278.

Reportagem: Katia Da Silva, Alexandre Peres e



São Paulo, a cidade dos rios invisíveis
180 visualizações 2 meses atrás



Rios e Ruas no Biosfera
62 visualizações 2 meses atrás



Rios e Ruas no Capital Natural
315 visualizações 7 meses atrás



Como encontrar uma nascente em São Paulo
1.712 visualizações 9 meses atrás

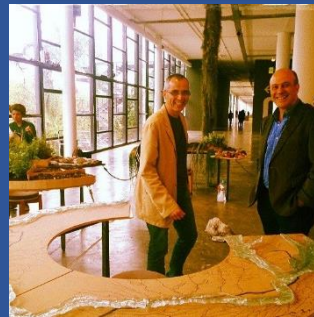


Cidade Invisível - Rios e Ruas no Jornal da Band
309 visualizações 1 ano atrás



Concreto esconde história de quilômetros de rios em São...
1.064 visualizações 1 ano atrás

Aos poucos, os rios voltam a ser notícia fora da época das chuvas.

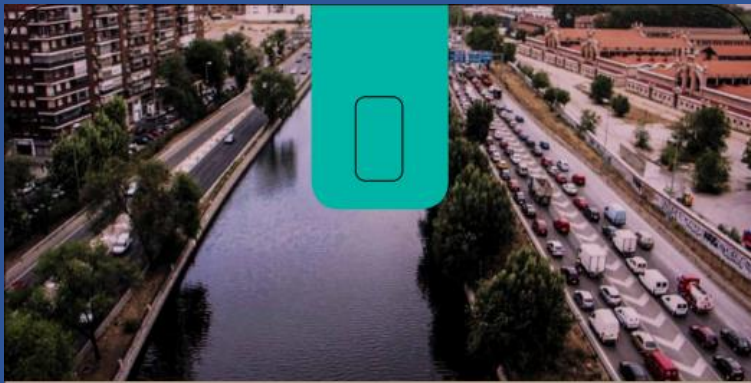


A relação entre a cultura, arte, Rios & Ruas ganha cada vez mais sentido.





É necessário imaginar.
Ultrapassar a primeira camada
para ver outras possibilidades.



RIO MANZANARES



RENOVAÇÃO, RECONSTRUÇÃO E REQUALIFICAÇÃO DO RIO MANZANARES, MADRID, 2011
DIREÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS E RECONSTRUÇÃO DE MADRID, MADRID, 2011



RIO SAW MILL



RENOVAÇÃO DO RIO SAU-MIL, SEUL, 2011
DIREÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS E RECONSTRUÇÃO DE SEUL, SEUL, 2011



2008



2013

Não é uma questão de “se”, é uma questão de “quando”.



Pirarungáua, até 2007 e após 2008.

